



UM PIONEIRO A QUEM CHAMAVAM DE ANARQUISTA

François Vez, natural da Suíça, começou a praticar agricultura biológica em Portugal há 40 anos, numa altura em que ninguém falava disso. As suas ideias foram mal recebidas, chegou a ser expulso de uma cooperativa mas não desistiu e hoje é o gerente da BioDamasco, uma grande empresa exportadora de fruticultura orgânica com produção no Alentejo mas com uma visão no Mundo.

Ana Gomes Oliveira

Damasco, nectarina, paraguaio, ameixa, pêra, maçã, dióspiro, romã e tâmara. Estes são os nove frutos produzidos pela BioDamasco, um agrupamento de produtores de agricultura biológica, que reúne quatro empresas, e que tem ainda um viveiro de nogueiras em produção bio.

François Vez é o gerente. Um suíço estabelecido há já vários anos em Portugal e com muitas histórias para contar por ter sido um dos pioneiros neste modo de produção em terras lusas. Já lá vão cerca de 40 anos. «Nem se sabia o que isso era, não havia certificações, não havia nada», começa por lembrar. «Era visto como um anarquista, um “vale-nada” e até cheguei a ser expulso de uma cooperativa».

Na sua formação, tinha tido oportunidade de trabalhar com um investigador considerado o pai da produção integrada e biológica. «O que se via era que a área da fruticultura estava num impasse. Aumentavam-se os tratamentos e a fauna desorganizava-se. Não estava a funcionar. Quando comecei a trabalhar por conta própria, com pomar e várias culturas, fiz logo essa opção. Nessa altura havia já algumas ideias em

França e no Centro da Europa para se tentar ter um produto mais natural».

Mas se a filosofia da agricultura biológica se ia proliferando lá fora na fileira dos cereais ou legumes, o mesmo não acontecia nas frutas, que ia ficando para trás «por ser muito difícil». «Juntamente com outros colegas, fui pioneiro neste movimento bio. Eram agricultores que estavam fartos dos tratamentos e que viam isso como uma ameaça à sua saúde. Lembro-me que havia casos em que as pessoas tinham tido problemas de saúde ou filhos com doenças cancerígenas e mudaram a sua atitude perante essas evidências».

A BioDamasco existe há 15 anos e desde o início que trabalha em produção biológica. Sediados no Alentejo, a produzir em cerca de 50 hectares, o damasco, que dá nome à empresa, já não é a aposta que foi em tempos. «A falta de frio fez com que tivéssemos produções péssimas para o damasco nos últimos anos. E por isso a orientação tem ido para os frutos que são mais resistentes às alterações climáticas, como a romã».

François Vez não antevê um período fácil em termos de mer-

cado, porque se verificou muita conversão na Europa, impulsionada pelas políticas públicas. «As pessoas nem imaginam. Estive em França e há operadores biológicos de macieira preocupadíssimos porque há excesso de oferta. Isso está a acontecer com a maçã, provocando uma pressão nos preços». O agrónomo tem feito um caminho de aprendizagem contínuo na fruticultura, dedicando-se com especial atenção à questão das pragas e doenças, onde se especializou em Entomologia. «Um dos problemas que temos e que inclusivamente nos obrigou a recuar é, por exemplo, na pereira. São uns insectos bupreste, que danificam o tronco e não há solução. Há também bastantes problemas com o capnodis, nos prumos, ataca as raízes e mata a planta, sobretudo na ameixa, damasco e pessegueiro. Neste momento têm-se desenvolvido alguns produtos à base de nemátodos e pode haver soluções. Mas os buprestes são uma questão à parte, porque se instala dentro da casca da árvore, é muito difícil de detectar. Depois há também pressão da mosca da fruta. Enfim. Obriga-nos a muitas operações e soluções rápidas, que nem sempre se conseguem. Muitas vezes perde-se uma colheita e tenta-se uma estratégia no ano a seguir».

O empresário refere que actualmente existe um leque de produtos bio que até podem funcionar, mas não estão homologados para as pragas ou culturas em causa. «E este é um problema da agricultura em geral. A homologação é um processo tão custoso que as empresas de fitossanidade acabam por focar-se nas culturas principais, deixando de lado as que têm menos peso ou que têm utilizações marginais», lamenta. Assim, a solução é ir investigando por conta própria, por

tentativa e erro, tentando encontrar produtos naturais que podem usar para perturbar o ciclo de produção dos insectos ou afastá-los das culturas. «É ir experimentando. Felizmente há produtores em Espanha bastante profissionais nesse sentido com quem partilhamos algumas informações. Mas até isso tem vindo a mudar. No início a colaboração era mais forte, mais solidária, hoje já nos vemos mais como concorrentes».

François Vez lamenta que em Portugal o mercado ainda não tenha dado o grande salto. «Sinto que estamos perante um mercado com muita dificuldade em expandir-se. Não temos ainda uma cadeia de supermercados exclusivamente dedicada ao bio, como existe em França, por exemplo. Aqui não é claramente uma prioridade».

Face ao baixo consumo em Portugal de produtos bio, a exportação é o canal de escoamento privilegiado para a BioDamasco, que não conseguiria suportar os custos logísticos do transporte de pequenas quantidades no mercado nacional. «Exportamos através da Espanha, para a Suíça, Áustria e um pouco para a França e Alemanha. O mercado nacional não absorve nada».

Por outro lado, o gerente do agrupamento de produtores afirma que existem grandes operadores portugueses que vão abastecer-se a Espanha «por comodidade». «Têm tudo no mesmo sítio e dá menos trabalho».

A filosofia seguida pelos supermercados também poderia ser melhorada, segundo a visão do produtor. «Os supermercados preocupam-se com as perdas e muitas vezes as frutas vão para lá quando nem sequer estão maduras. Penso que os critérios exigidos levam algumas vezes à perda de qualidade. A fruta não pode ir verde para a prateleira, só porque já tem tamanho e não se pode correr o risco de apodrecer em loja».

Para o gerente da BioDamasco é fundamental que o consumidor saiba distinguir quando um produto é bom. E a alimentação tem de começar a ser uma preocupação fundamental do estilo de vida de cada um. «O Japão é um ótimo exemplo disso. Tem de haver uma forte reflexão sobre isto, sobre a qualidade do que comemos e da importância que isso tem na nossa saúde, na nossa vida. Infelizmente, nas novas gerações, o telemóvel ainda é mais importante, apesar de já se ir notando alguma mudança de mentalidade. Tanto que os neorurais estão todos virados para a agricultura biológica e isso é um sinal muito positivo».

Com vista a melhorarem o seu posicionamento no mercado, a BioDamasco prepara-se para investir numa área de transformação, que passará pela produção de sumos, compostas e outros processados bio. «Entendemos que vai ao encontro de uma tendência de consumo dentro do sector dos bio e que pode ser bom também para exportar». ●

